



---

## Canal Energia – 12 Mai 2003

### **Setor elétrico brasileiro tem endividamento menor que o norte-americano**

Relação entre dívida e patrimônio líquido das elétricas também é inferior na comparação com outros setores, como siderurgia e mineração

#### **Oldon Machado, Negócios**

12/05/2003

Apesar de relativamente alto, o nível de endividamento do setor elétrico do Brasil não é maior que o patamar verificado nos Estados Unidos. Levantamento realizado pela consultoria Econômica, com base nos resultados obtidos em 2002 por 29 empresas brasileiras e 26 norte-americanas, mostra que a relação da dívida total sobre o patrimônio líquido no país está em cerca de 82%, contra uma média de aproximadamente 200% nos EUA.

Proporção semelhante também é verificada quando a comparação tem como base outros setores da economia nacional, como o siderúrgico, que obteve no ano passado um nível de endividamento superior a 190%. A indústria de alimentos, segundo a análise, está com uma relação da dívida pelo patrimônio acima de 160%, enquanto o setor de mineração (muito influenciado pelos resultados da Companhia Vale do Rio Doce) apresenta nível maior que 115%.

Embora menos endividado, o índice de 82% obtido pelo setor elétrico está acima do teto considerado aceitável pelo governo. A ministra Dilma Rousseff estipulou um nível de endividamento para as empresas em 60%, sobre o patrimônio líquido total, e afirmou que um grupo de trabalho com técnicos dos ministérios de [Minas e Energia](#), da Fazenda e da [Aneel](#) (Agência Nacional de Energia Elétrica) está trabalhando no desenvolvimento de uma limitação nesse sentido. Para o presidente da Econômica, Fernando Exel, a média do setor elétrico, em termos absolutos, "não é nenhuma extravagância". Segundo ele, o principal problema das empresas no ano passado, que pode se prolongar em 2003, decorreu da contração excessiva dos lucros operacionais, em função da forte redução de receita pela queda do consumo de energia, desde o programa de racionamento. A diminuição de lucros compromete o pagamento de juros sobre dívidas, impostos e despesas.

**Violência** - "No conjunto de empresas, o principal não foi o endividamento acima da prudência, mas o comprometimento da capacidade de pagamento, pela retração do lucro operacional", afirma o economista. Ele faz questão de reiterar que não partilha da solução apresentada pela ministra sobre a limitação do grau de alavancagem. "É um engessamento nas atividades de gerenciamento de negócio. Trata-se de uma violência, que vai de encontro às leis da economia de mercado", diz.

**O presidente da CBIEE (Câmara Brasileira de Investidores em Energia Elétrica), Cláudio Sales, relacionou o aumento do endividamento das empresas no último ano à necessidade de investimentos, tanto na expansão do sistema quanto na geração de caixa para operação. Além da diminuição de mercado, o executivo também alega o impacto da elevação da taxa cambial ao longo de 2002, encarecendo custos não-gerenciáveis como a energia comprada de Itaipu Binacional.**

**Tanto Sales quanto Exel afirmam que, ao invés da relação sobre o patrimônio líquido, o nível de endividamento do setor poderia ter como base de avaliação a geração de lucro operacional no ano, frente a dívida total.**

**"Essas empresas são grandes geradoras de caixa, e qualquer análise teria que abordar este prisma", diz o presidente da CBIEE.** Segundo a Econômica, o endividamento neste caso seria de 9,9%, o que ainda assim seria alto, já que o lucro médio operacional das empresas em 2002 esteve em torno de 10%.

---